
“Meu Relato É Sanguinário, Playboy Não Vai Curtir”: O Discurso Antimidiático Do *Rapper* Eduardo Taddeo¹

Francisco Carlos Guerra de MENDONÇA JÚNIOR²
Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, Rondônia³

RESUMO

Este texto aborda os discursos do *rapper* Eduardo Taddeo, ex-membro do grupo Facção Central e atualmente em carreira solo. Taddeo apresenta letras com denúncias a violência policial e as injustiças sociais. Ele recusa convites da mídia hegemônica, sobretudo de canais de televisão, desde o ano 2000, quando o clipe da sua música *Isso aqui é uma guerra* foi censurado pela Promotoria de Justiça do Estado de São Paulo. Na época, os membros do seu antigo grupo concederam entrevistas, para se defenderem das acusações, mas consideraram que os agentes da mídia apoiaram a versão da justiça. Nas músicas posteriores a esse caso, o artista critica, recorrentemente, os veículos de comunicação, pontuando-os como meios sensacionalistas e aliados da polícia na promoção da violência contra a população negra e pobre. O artista é graduado em direito e autor de dois livros.

PALAVRAS-CHAVE: *Rap*; censura; mídia; violência; Eduardo Taddeo.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, realizamos uma análise de discurso (COURTINE, 2014; PÊCHEUX, 2014) das críticas do *rapper* Eduardo Taddeo em relação a mídia. A partir da análise de discurso, procuramos compreender o sentido ideológico do que está materializado nos textos escritos e orais de Taddeo. Os discursos analisados são a letra de música *Isso aqui é uma guerra*, que teve o seu clipe censurado em 2000; uma entrevista presencial realizada em dezembro de 2017; partes do seu livro *A guerra não declarada na visão de um favelado*; uma palestra concedida em Embu-Guaçu (SP) em 2013; bem como trechos de letras de música que abordam sobre a mídia, gravados depois da censura de 2000.

Taddeo é um *rapper* de intervenção social, que mantém um posicionamento de denúncia ao cenário violento do Brasil, como característica predominante. Taddeo começou a cantar em 1989, mas só iniciou as gravações oficiais no ano de 1996, como membro do grupo Facção Central, no qual ele fez parte até 2013. Taddeo foi compositor único de seis álbuns do Facção Central, entre 1996 e 2006. Em 2014, publicou o primeiro

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Música e Entretenimento, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor de jornalismo na Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR), e-mail: carlos.guerra@unir.br

³ Pesquisa realizada com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), dentro do programa de doutorado pleno no exterior, realizado na Universidade de Coimbra entre 2014 e 2020.

álbum solo e, em 2020, lançou o segundo. Além de ser *rapper*, Eduardo Taddeo também produz críticas sociais na literatura. Ele lançou o livro *A guerra não declarada na visão de um favelado*, em 2012, e publicou o livro *A guerra não declarada na visão de um favelado 2*, em 2016. A publicação dos livros contribuiu para que ele tivesse um maior ativismo cívico, pois o artista concede várias palestras e participa de saraus nas periferias brasileiras, debatendo com a população ações para construir uma revolução.

Taddeo é advogado, tendo sido aprovado no exame da Ordem dos Advogados de São Paulo (OAB-SP) em janeiro de 2022. Anteriormente, ele havia abandonado os estudos na sexta série do ensino fundamental e comentou, em entrevista, que voltou a estudar, devido à pressão do público em suas palestras, já que era contraditório ele incentivar as crianças e adolescentes a estudarem, quando ele tinha abandonado o ensino formal. Ele trouxe o assunto da sua aprovação na OAB à tona em publicações nas redes sociais, *Instagram* e *Facebook*, e o caso foi bastante divulgado na mídia alternativa que divulga o *rap*. Porém, Taddeo afirmou que o estranho era aquela formação ainda ser notícia de impacto, pois o acesso à educação deveria ser para todos, mas a sociedade brasileira ainda torna raro os casos de ascensão social de pessoas de origem pobre.

Taddeo compõe letras com frequência contra os veículos de comunicação desde o início da sua carreira, apontando a mídia como responsável por criar estereótipos sobre os moradores de periferias. O artista rejeita os convites para participar de entrevistas em veículos da mídia hegemônica, sobretudo em canais de televisão. O principal motivo para a recusa é o entendimento de que a mídia endossou o discurso do Ministério da Justiça no caso de censura ao clipe do grupo *Isso aqui é uma guerra* no ano de 2000, sob acusação de incitação à violência. Na época, o grupo participou de vários programas de televisão, explicando que o clipe busca mostrar o problema da injustiça social como responsável por levar várias pessoas ao crime e não teria o intuito de incentivar novos delitos, mas sim de lutar pela justiça social, como solução para o fim do cenário violento. Apesar da explicação, os membros do Facção Central consideraram que o conteúdo veiculado na mídia contribuiu para aumentar a imagem de que o grupo realizava apologia ao crime.

ISSO AQUI É UMA GUERRA: UM RETRATO FALADO DA VIOLÊNCIA

As críticas de Eduardo Taddeo à mídia já acontecem desde o primeiro álbum do seu antigo grupo Facção Central, lançado em 1995. Um exemplo é a música *Artistas ou*

não? (FACÇÃO CENTRAL, 1995, faixa 5), que retrata sobre a exclusão dos *rappers* dos meios de comunicação: “Programas de televisão, algo impossível, falar de drogas, de polícia, inadmissível/ Achem legal diversão, muito esporte, novela/ Realidade, informação de rua, não interessa”. Nesses versos, o então compositor do Facção Central argumenta que os problemas da periferia não interessam as pessoas de outras classes sociais e, por isso, a mídia não veicula. Essa afirmação converge com o pensamento de Muniz Sodré (1999), pois o autor afirma que a mídia não tem compromisso com a diversidade cultural brasileira e funciona como feudos, em que o único interesse é a manutenção da hegemonia da classe dominante. Taddeo retrata ainda que a mídia valoriza apenas as músicas feitas pela burguesia e para a burguesia, independente do conteúdo: “Pouco importa pra *boy* se pobre vive absurdo, gostam de ver a burguesia se acabando na guitarra, falando de porra nenhuma, se drogando enchendo a cara/ E tem tv e tem jornal revista pra burguês”. O artista relata ainda que a realidade de fãs e autógrafos está longe do cotidiano dos *rappers*, por isso, eles são “artistas de um mundo que não existe”.

Quatro anos depois, Facção Central finalmente obteve uma repercussão na mídia, mas devido a censura da música *Isso aqui é uma guerra* (FACÇÃO CENTRAL, 1999, faixa 4). O clipe tinha o objetivo de divulgar o grupo, sobretudo na MTV, mas foi censurado após a sexta exibição na emissora. A proibição, ocorrida no ano de 2000, foi uma recomendação do promotor Carlos Cardoso, da Promotoria de Justiça do Estado de São Paulo. Alisson Cruz Soledade (2016; 2019) relembra que o promotor alegou que o vídeo incentivava a violência e o juiz Maurício Lemos Porto Alves, do Departamento Técnico de Inquéritos Policiais e Polícia Judiciária de São Paulo, acatou a recomendação⁴. O magistrado determinou a apreensão dos CDs que continham o clipe na gravadora Five Special, bem como notificou a MTV para não exibir novamente o clipe, caso não cumprisse, a emissora poderia ser julgada por incitação ao crime.

Na letra, Eduardo Taddeo detalha a ação de criminosos e diz que a única forma de uma pessoa excluída ser respeitada é com a utilização de armas:

É uma guerra onde só sobrevive quem atira, quem enquadra a mansão, quem trafica/
Infelizmente o livro não resolve, o Brasil só me respeita com um revólver,
aê/ O juiz ajoelha, o executivo chora, pra não sentir o calibre da pistola/
Se eu quero roupa, comida, alguém tem que sangrar, vou enquadrar uma burguesa e
atirar pra matar/ Vou fumar seus bens e ficar bem loco, sequestrar alguém no
caixa eletrônico/ A minha quinta série só adianta se eu tiver um refém com meu

⁴ Leite, F. Justiça veta vídeo de rap do grupo Facção Central na MTV. *Folha de São Paulo*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u1598.shtml>. Acesso em: 21 de Junho de 2018.

cano na garganta/ Aí, não tem gambé pra negociar, liberta a vítima, vamos conversar/ Vai se ferrar, é hora de me vingar, a fome virou ódio e alguém tem que chorar/ Não queria cela nem o seu dinheiro, nem *boy* torturado no cativoiro/ Não queria um futuro com conforto, esfaqueando alguém pela corrente no pescoço/ Mas três, cinco, sete é o que o Brasil me dá, sem emprego quando um “prego” de Audi passar (FACÇÃO CENTRAL, 1999, faixa 4).

A música já começa afirmando em tom agressivo que a realidade brasileira é uma guerra onde só sobrevive quem atira. No videoclipe, esse trecho é coberto por imagens de duas personagens planejando um assalto. Depois disso, o crime se desenvolve. Inicialmente, a dupla está em um carro a caminho de um banco, onde pretende “fumar seus bens e ficar bem louco, enquadrar um refém no caixa eletrônico”. Logo em seguida, eles invadem um banco e a casa de uma pessoa de classe média alta, onde matam uma mulher na frente do marido e do filho. Com um discurso contundente, a música explora as perspectivas de pessoas que não possuem o mínimo de recursos para sobreviver e encontraram na criminalidade uma forma de subsistência.

Trata-se de uma demarcação social feita a partir do consumo, que encontra semelhanças na perspectiva de Luciane Lucas dos Santos (2015) e Bauman (2008). Esses autores afirmam que o meio para adquirir o *status* de cidadão é pelo consumo, no qual quem não consegue consumir tem, na prática, menos direitos e vive em uma situação de exclusão. Para determinadas classes sociais, no entanto, esse consumo é acessível somente através do crime. No Brasil, atualmente há a proliferação de um discurso de culpabilização da criminalidade exclusivamente nas pessoas que cometeram os delitos, sem analisar as circunstâncias sociais que resultam em um cenário repleto de violência. O presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, inclusive foi eleito defendendo a ideia de que “bandido bom, é bandido morto”, mostrando a intenção de aplicar pena de morte a quem comete crimes⁵. As pessoas que defendem esse pensamento entendem que o assassinato de condenados de justiça eliminaria os bandidos da sociedade. Um estudo realizado em 2017 na cidade do Rio de Janeiro, pelo Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (CESeC), mostra que 35,9% dos entrevistados entendem que a polícia deve matar estupradores. Já 29,2% afirmam que a polícia deve matar quem cometeu assassinato⁶.

⁵ Gazeta Online, com informações de O Globo. Ibope: 50% dos brasileiros acham que 'bandido bom é bandido morto'. Disponível em: <https://www.gazetaonline.com.br/noticias/brasil/2018/03/ibope-50-dos-brasileiros-acham-que-bandido-bom-e-bandido-morto-1014121498.html>. Acesso em: 07 de Maio de 2019.

⁶ Lemgruber, J.; Cano, I.; Musumeci, L. & Lopes, P. V. L. Olho por olho? O que pensam os cariocas sobre “bandido bom é bandido morto”. Centro de Estudos de Segurança e Cidadania – Universidade Cândido Mendes. Disponível em: <https://www.ucamcesec.com.br/wp-content/uploads/2017/04/BBBM-Relat%C3%B3rio-final-corrigido.pdf>. Acesso em: 05 de Julho de 2019.

Na música do Facção Central, escrita por Eduardo, que a interpreta com Dum-Dum, há uma inversão desse discurso. O culpado não é o indivíduo que rouba, mas o sistema sociopolítico vigente, incapaz de oferecer o mínimo para que ele sobreviva, como, por exemplo, uma educação qualificada. Essa ideia está nos versos “a minha quinta série só adianta se eu tiver um refém com meu cano na garganta” ou “infelizmente o livro não resolve, o Brasil só me respeita com um revólver”. A música também fala da falta de trabalho, na frase “sem emprego quando um prego de Audi passar” e de comida, exposta no verso “a fome virou ódio e alguém tem que chorar”. Nesse verso sobre a fome, Eduardo mostra que a revolta se torna um caminho natural para as pessoas marginalizadas e, por isso, surge o ódio contra grupos sociais da elite, resultando na criminalidade. O grupo retrata que o Brasil vive uma espécie de guerra civil, quando pontua que “só sobrevive quem atira”. Outra parte da música com essa ênfase é a seguinte: “Se eu quero roupa, comida, alguém tem que sangrar, vou enquadrar uma burguesa e atirar pra matar”.

No fim do vídeo, um dos assaltantes é morto. Folhas de jornais cobrem o seu rosto, que ainda é farejado por um cachorro. Os demais criminosos são presos. Os *rappers* justificaram, em entrevista, que essas imagens finais resumem a intenção do clipe, ao mostrar que o crime não compensa e que o destino de quem segue esse caminho será a morte ou a prisão. “Você sabe quando a pessoa entra no crime, normalmente o final qual vai ser. Então, [o clipe] jamais seria mais um “atalho”, tentando levar meu povo para algo que não seja positivo” (TADDEO, entrevista, 08 de dezembro de 2017). A música *Isso aqui é uma guerra* se torna ainda mais impactante, quando se sabe que os próprios artistas já estiveram envolvidos em crimes. Taddeo admitiu, em entrevista, que cometia delitos na adolescência. Já Dum-Dum chegou a ser preso em 1996. Ambos declararam, em entrevistas para o autor deste artigo, que o *rap* salvou as suas vidas, tirando-os do crime.

A CENSURA COMO IMPULSIONADORA DO DISCURSO ANTIMIDIÁTICO

O promotor Carlos Cardoso, responsável pela denúncia de incitação a violência, realizou uma campanha na mídia, para aumentar a imagem de criminalização do grupo, acusando o Facção Central de incitar a violência e propagar o racismo (SOLEDADE, 2016). O grupo também foi a vários programas de televisão, para explicar a intenção da mensagem exposta no clipe, negando qualquer incitação à violência. Eles defenderam a ideia de que estavam estimulando a sociedade a pensar em meios para resolver aquele

cenário. Taddeo entende que a versão do promotor foi endossada pelos agentes da mídia, que concordavam explicitamente com o jurista, enquanto as justificativas dos *rappers* foram ironizadas. Esse caso expõe uma hierarquização na prática de divulgação de informações nos veículos de comunicação, que se assemelha a uma concepção de Pierre Bourdieu (1997), de que a mídia é utilizada como forma de endossar as vozes das elites e de autoridades institucionais, pois esses, por sua vez, legitimam o jornalismo. Alfredo Vizeu (2018) reforça essa análise, afirmando que o grau hierárquico de uma pessoa é um critério substantivo, para definir a importância de uma notícia.

Além dessas entrevistas, também foram exibidas notícias falando sobre a censura, em que os artistas não foram ouvidos. Caso os jornalistas sequer tenham procurado entrevistar os *rappers*, como acusa Taddeo, esses profissionais teriam descumprido um dos fundamentos básicos do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, que fala sobre ouvir todas as partes envolvidas, sobretudo aquelas que são objeto de acusação.

Art. 12. O jornalista deve:

I - ressalvadas as especificidades da assessoria de imprensa, ouvir sempre, antes da divulgação dos fatos, o maior número de pessoas e instituições envolvidas em uma cobertura jornalística, principalmente aquelas que são objeto de acusações não suficientemente demonstradas ou verificadas (ARTIGO 12, DO CAPÍTULO III, DO CÓDIGO DE ÉTICA DOS JORNALISTAS BRASILEIROS).

Ao final das aparições, os artistas fizeram um balanço negativo dessas participações na mídia. Assim, o grupo passou a recusar a maior parte dos convites posteriores e até mesmo já expulsou jornalistas de entrevistas. Eduardo Taddeo só abriu exceção para aparições no programa da TV Cultura *Manos e minas*, por ser um programa exclusivamente sobre *rap*. Eduardo Taddeo condena as edições de imagem da época.

Até então, de uma forma ingênua, eu acreditei que, de repente, você tando dentro de uma programação, explicando qual foi a motivação da letra, qual foi sua intenção, porque de forma alguma você faria apologia ao crime, sabendo qual é a consequência da vida da pessoa que tá ali no crime. (...) você acreditava realmente que se cola numa televisão, explicar, mostrar qual foi sua motivação para seus propósitos etc., você seria ouvido. (...) Só que aí, naquele momento, a gente entendeu que existe uma coisa chamada ilha de edição, que ela vai ser sempre usada para distorcer (TADDEO, entrevista, 08 de dezembro de 2017).

O posicionamento de recusa aos veículos de comunicação, no entanto, não é partilhado pelo líder do seu antigo grupo, Dum-Dum, que continua como membro do Facção Central. Esse artista diz que aceita qualquer tipo de entrevista, quando foi

questionado, em entrevista, pelo autor deste artigo. Na opinião do *rapper*, o jornalista ou veículo de comunicação interessado em conversar com o Facção Central conhece o discurso contundente do grupo, por isso, seria um espaço aberto para esse tipo de mensagem. Eduardo Taddeo afirma que percebeu uma ligação direta entre o discurso da mídia e os interesses do sistema capitalista, em uma análise que se assemelha à de Sodré (1999), quando o autor enfatiza que a mídia contribui para a manutenção do sistema vigente, evitando as possibilidades de resistência. Portanto, Eduardo Taddeo acredita que jamais haveria uma análise imparcial de um grupo que tem o intuito de reverter a lógica capitalista, porque isso atinge os próprios interesses da mídia.

Acreditava que a gente invadindo, tomando conta, a gente poderia mudar a mentalidade da mídia, do sistema, só que você quando chega lá, você entende que era um pensamento ingênuo, porque mudar mentalidade significa meter a mão no bolso deles. Eles estão ali por dinheiro, não é convicção ideológica, não é convicção política, dinheiro, então, o propósito dele é enriquecer (...) O nosso propósito é salvar pessoas. Então, existe uma distância muito grande de ideologia, até porque a mídia não tem ideologia nenhuma. Mas os propósitos são muito distantes. Então, naquele momento, eu percebi que o nosso caminhar já era pela periferia, era dentro das rádios comunitárias, era, com o surgimento da *internet*, dentro da *internet*, através das redes sociais, e o nosso caminho é por aí (TADDEO, entrevista, 08 de dezembro de 2017).

Silva (2012) relata que a violência está inserida nas letras de *rap* porque faz parte da realidade vivida pelos músicos. Para Silva, essa abordagem incisiva do assunto violência tem o intuito de combatê-la e não de incentivá-la. Porém, como se trata de um fenômeno devastador e demasiado preocupante, que é expresso em uma linguagem artística no *rap*, muitas vezes há uma visão distorcida de que as músicas fazem apologia à criminalidade e à violência. De acordo com Silva (2012), diversas músicas que retratam a violência, narrando fatos, posturas, atitudes e experiências marginais são confundidas com apologia. Isso ocorre porque, no discurso hegemônico, a prática comum é narrar essas realidades com um certo distanciamento, enquanto essas músicas fazem um retrato mais próximo e de forma poética. Silva (2012) faz uma analogia do papel desses músicos com o dos *rude boys*. Albuquerque (1997) relata que os *rude boys* surgiram nos guetos jamaicanos na década de 1960 e “passaram a questionar as autoridades policiais e a ordem social enfatizando a delinquência e o enfrentamento do poder público” (p.28).

Para Roberto Oliveira (2007), as músicas do Facção Central chocam a sociedade, porque desafiam o discurso da mídia comercial, que mostra a pobreza e a violência de uma forma mais branda e procura mostrar aquela realidade de forma distante. Entretanto,

Oliveira entende que essa mídia está a serviço do sistema capitalista e, por isso, não tem interesse em um discurso que comova a população e busque, através do choque, criar um estado de preocupação propício para encontrar soluções para tais questões. Já o Facção Central mostra esse quadro sem um cenário bonito, sem uma apresentadora elegante e bem-vestida, bem como sem sutilezas e frases bonitas (OLIVEIRA, 2007).

Compreendendo esse papel de denúncia e de combate a ordem vigente, a partir do relato do cotidiano, o Facção Central manteve o perfil de narrar sobre fatos desse cenário violento, mesmo depois da repercussão negativa sofrida pela censura do clipe em 2000.

Quando você é *rapper*, você tem que denunciar o que acontece (...) Não existe lugar onde se mate tanto jovem como no Brasil, e eu sempre falo nas palestras que se o supremacista branco que faz parte da Ku Klux Klan soubesse quantas pessoas negras morrem no Brasil, ele viria pra cá, porque não existe *apartheid* que segregue tanto igual no Brasil. Não existe extermínio de jovens negros no mundo que se compare ao Brasil, e quem tá na ponta do extermínio é a polícia. Então, na verdade, o que você tem não é nem uma postura de confronto, é uma postura de denúncia. Então, é natural que acabe sendo nosso inimigo porque na hora que você tá escrevendo *rap* é uma defesa e quem ataca é o policial. Então, não existe outra maneira de escrever um *rap* que esteja falando de realidade, sem colocar a polícia como um dos maiores problemas da juventude pobre (TADDEO, entrevista, 08 de dezembro de 2017).

O *rapper* argumenta que a repulsa do periférico à polícia é natural, pois o cidadão excluído socialmente convive com a violência dessa instituição, desde os primeiros anos de vida. Taddeo relata que grande parte das mortes na periferia ocorre justamente devido aos ataques de policiais. Sendo assim, o músico enfatiza que irá manter essa postura de denúncia, devido às suas convicções ideológicas. Eduardo afirma, inclusive, que morrer por uma ideologia é até mesmo um privilégio, dentro daquelas condições sociais.

Tem que seguir a verdade, tem que seguir o que tem que ser cantado, a rima prossegue. (...) Se a gente fosse tremer por cada ameaça, não cantaria, a gente é ameaçado só por nascer na periferia. Você já nasceu convocado para a guerra, você já nasceu perseguido só por nascer pobre. Então, mais uma perseguição é o de menos. (...) Eu até falo muitas vezes que dentro da periferia, onde eu vi tanta gente morrendo por 5 reais, por um pino de droga é confundido pela polícia. Você tem o privilégio de morrer por uma ideologia, é algo até surreal, é até positivo. Então se é esse o preço a se pagar para falar aquilo que você acredita, então vamos pagar o preço, demorou (TADDEO, entrevista, 08 de dezembro de 2017).

No álbum seguinte do Facção Central à censura do clipe *Isso aqui é uma guerra*, houve uma ascensão das críticas à mídia. Nos três primeiros discos, a mídia foi abordada

em apenas cinco músicas. Enquanto isso, esse tópico esteve presente em nove músicas do álbum *A marcha fúnebre prossegue*, lançado em 2001. A ascensão do tema está justamente relacionada à hostilização promovida por jornalistas que retrataram a polêmica. Na faixa 1, denominada *Introdução* (FACÇÃO CENTRAL, faixa 1, 2001), o grupo apresenta uma mixagem⁷ com *samples*⁸ de várias matérias veiculadas na mídia, associando a postura do Facção ao crime. São inseridas diversas frases proferidas por profissionais da televisão, que induzem a associar o grupo como incentivador de crimes.

“Rap que faz apologia ao crime, Facção Central”. “O Ministério Público ficou chocado”. “Assusta a Justiça”. “Assim, é muito agressivo”. “Mostra que o preconceito odioso já existe em parcelas da sociedade de que o pobre, o jovem da periferia, o jovem negro, é um potencial criminoso”. “Facção Central, cara, realmente é apologia ao crime, quem ouviu ficou apavorado” - “Sabe, eu acho uma apologia mesmo”. “Facção Central trata-se, portanto, de um crime, é apologia da violência de ponta a ponta” (FACÇÃO CENTRAL, 2001, faixa 1).

Na faixa *A guerra não vai acabar* (FACÇÃO CENTRAL, 2001, faixa 3), o grupo defende que a violência denunciada nas letras não vai cessar, com a repressão às músicas do Facção. Taddeo argumenta que para acabar com o cenário de guerra, é necessário pensar em um novo quadro social, em vez de censurar quem mostra a realidade.

Aí promotor o pesadelo voltou, censurou o clipe, mas a guerra não acabou/ Ainda tem defunto a cada 13 minutos, na cidade entre as 15 mais violentas do mundo/ A classe rica ainda dita a moda do inferno, colete à prova de bala embaixo do terno/ No ranking do sequestro 4º do planeta, 51 por ano com capuz e sem orelha/ Continua apologia na panela do barraco, ao empresário na cherokee desfigurado/ 180 mil presos, menor decapitado, cabeça arremessada no peito do soldado (...) Pode censurar, me prender, me matar, não é assim, promotor, que a guerra vai acabar (FACÇÃO CENTRAL, 2001, faixa 3).

A mídia também é criticada pelo Facção Central na música *A marcha fúnebre prossegue* (FACÇÃO CENTRAL, 2001, faixa 4), composição que tem o trecho “meu relato é sanguinário, playboy não curtir”, utilizado como título do artigo. Nessa letra, Taddeo escreve que a realidade vivenciada é totalmente diferente da mostrada na televisão: “Queria que a vida fosse como a novela: Jet-sky na praia, esquina, moda europeia, sem pai de família gritando assalto, sendo feito de escravo”. Assim, diz que a

⁷ Processo de unir vários canais de som gravados separadamente.

⁸ Recorte de trecho sonoro de um outro produto musical inserido em uma música de rap, por meio de uma máquina de manipulação sonora.

vida das personagens de telenovelas não representa a realidade. Nas dramaturgias, há um luxo, representado na letra pelo “Jet-sky [jet ski] na praia” e roupas da “moda europeia”, inexistente nas periferias, onde pais de família viram assaltantes e vivem como escravos.

Na música *Aqui são teus cães* (FACÇÃO CENTRAL, 2001, faixa 5), Eduardo Taddeo assume o papel de um favelado que só vê o seu nome divulgado pela mídia quando comete crimes. O artista versa: “Eu só existo quando atiro na mulher, ou quando eu apareço sanguinário no noticiário, arremessando a cabeça de outro presidiário”. Ademais, Eduardo Taddeo aponta a desigualdade social como a causa da violência.

Toda vez que o avião do *boy* traz um fuzil na viagem, nasce mais um louco selvagem pra te fuzilar na garagem/ Fui adestrado pra roubar seu dinheiro, velha, não pra encher a panela, mas pra ter carro, fumar pedra/ Sem espanto, puta história normal na favela, pro esquecimento uma sequela, astro do Linha Direta (FACÇÃO CENTRAL, 2001, faixa 5).

Ao observar esses versos, percebe-se a violência como um problema normal no cotidiano das favelas. Nessa letra, contém-se a acusação de que uma pessoa dona de um avião é responsável por levar fuzis para a favela. Ademais, é retratado que essa realidade ensina o favelado a roubar uma idosa para adquirir drogas e carros. O compositor acrescenta que essa é apenas uma história comum na favela. O assunto mídia volta à tona no último verso, no trecho “astro do Linha Direta”, um programa policial da Rede Globo, exibido entre 1999 e 2007, que mostrava perfis dos criminosos mais perigosos do Brasil.

O DISCURSO DE EDUARDO TADDEO SOBRE A MÍDIA NOS ÚLTIMOS ANOS

Em palestra na cidade de Embu-Guaçu (SP), realizada em dezembro de 2013, para lançar o seu livro *A guerra não declarada na visão de um favelado*, Taddeo falou sobre um convite que teria recebido para participar do programa Jô Soares, exibido na Rede Globo. Antes mesmo de conferir a autenticidade do telefonema, Taddeo já rejeitou a proposta. Segundo o *rapper*, esse tipo de convite é uma forma de maquiagem a visão preconceituosa que se tem da periferia. Na opinião do artista, ele foi convidado porque lançou um livro e isso, de certa forma, faz a Globo enxergá-lo como uma pessoa diferente do restante da periferia. “Quando você escreve um livro, agora o *playboy* diz: agora escreveu um livro, é intelectual, é da hora. Agora, você pode colar com nós e ir ao nosso programa” (TADDEO, palestra, 2013). Ele, todavia, jamais soube se foi um convite real.

Eu sempre brinco, que não foi o Jô que me ligou. Alguém que se dizia da produção, não sei também a veracidade, se realmente era da produção ou se era alguém testando, querendo testar se o Eduardo ia realmente na Rede Globo. Mas a resposta é não, não só por hoje, mas como todas as emissoras de TV. Aquilo que a gente debate, a partir do momento da censura do videoclipe (...) não tinha mais nenhum interesse de estar em um programa de televisão. Eu acho que, quando a gente fala de *rap* e quando a gente fala de povo da periferia, a gente não precisa passar por um intermediário, para falar com o povo da periferia. Eu não preciso estar no Jô Soares, no programa da televisão. Para falar com o cara da periferia, tem que tá na periferia. Eu tenho que tá no sarau, eu tenho que está no encontro dos *rappers*, no *show*, e é isso. Então, o convite era só mais um. Eu recebo convite o tempo todo (...) porque na verdade quando tu escreves um livro, se torna algo exótico: o *rapper* intelectual. Então, passa a ser diferente. É o cara canta *rap*, que eles consideram *gangsta*, violento, extremista, escreve livro, pô vai ver o livro tem conteúdo “achei que era um monte de gíria e palavrão”, mas também tem conteúdo, tem uma boa argumentação. Então, isso acaba sendo atrativo (TADDEO, entrevista, 08 de dezembro de 2017).

Taddeo ressaltou, na palestra de dezembro de 2013, que o seu público está na periferia e, por isso, preferia divulgar o seu livro em eventos nas favelas. O músico argumentou ainda que não quer ser um produto da mídia, “um *hit* de verão”, que passa a ser conhecido apenas por estar em determinado programa. O objetivo é ser respeitado pelos seus semelhantes, que conhecem o valor da música, entendem o seu significado e convivem com aquilo. Portanto, é mais importante o convívio com esse público do que a divulgação da música em uma emissora de televisão. Na mesma palestra, Taddeo falou que não iria a um programa da Rede Globo, mesmo na ocasião hipotética de ter liberdade para criticar a própria emissora. Para o artista, a revolução está na periferia e não em um veículo estilista. Assim, somente uma reformulação em seu conteúdo, com o respeito ao homem negro e periférico, o faria aceitar o convite de uma emissora de televisão.

Para eu ir na televisão, primeiro a gente tem que mudar a televisão. A gente tem que utilizar o poder do boicote, para realmente mudar toda essa programação. Quando você tiver um programador, pelo menos, interessado em ouvir a periferia, aí sim você pode entrar na televisão. Quando o programador perguntar para a periferia: o que vocês querem ver lá? A gente quer ver o *rap*, mano. A gente quer ver o negro com respeito, o homem da periferia sendo tratado com todo o respeito, aí sim você pode pensar na televisão. Nesse momento, não. Nesse momento, você tem uma televisão alienadora, em que o genocídio é legitimado 24 horas por dia. Então, eu vejo a televisão como um inimigo. Então, eu não posso estar ali com o meu inimigo (TADDEO, palestra na cidade de Embu-Guaçu, 2013).

Além disso, o *rapper* refuta o argumento de que a televisão é um meio importante para manter-se informado. De acordo com Eduardo, o jornalismo da televisão é tendencioso e beneficia os policiais em casos de violência. Assim, o músico argumenta

que a violência contra o periférico é estimulada pelo discurso midiático, através da estigmatização e da criminalização da imagem do morador de favela. Sodré (1999) inclusive retrata sobre a criminalização dos negros na televisão brasileira. Para endossar esse discurso, o *rapper* afirma que o jornalismo condena sem ter provas e provoca, assim, o aumento da violência, além de legitimar crimes e assassinatos contra inocentes.

Muitas pessoas falam que a televisão é a notícia. Não, a notícia da televisão é tendenciosa. O jornalismo é tendencioso, então você tem um monte de assassino, de terno e gravata, o tempo todo batendo palma para a polícia. Quantas vezes eu já vi a polícia espancando, dando tiro e o cara lá, o apresentador mentindo para você: ah, ele reagiu. Então, você vê na televisão o tempo todo. O cara lá querendo ter o direito de preservar a imagem olhando para baixo e a polícia torturando o cara (TADDEO, palestra na cidade de Embu-Guaçu, 2013).

O *rapper* enfatiza que o seu modo de narrar os fatos não tem semelhança com a forma utilizada pelos porta-vozes do sistema. Para Eduardo, esses porta-vozes são os correspondentes de emissoras internacionais e os jornalistas da Rede Globo, emissora na qual o artista acusa de usar as desgraças alheias para angariar audiência, anunciantes e autopromoção. Ao afirmar isso, Taddeo reforça inclusive a análise de Oliveira (2007) sobre o discurso do Facção Central, pois o autor afirma que a mídia busca mostrar a pobreza de forma branda e distante. Enquanto isso, o grupo em que Eduardo Taddeo era compositor narra uma realidade de forma próxima, já que os próprios membros vivenciam o cenário, sendo inevitável o choque para quem estava distante daquela realidade.

No seu livro, *A guerra não declarada na visão de um favelado*, o cenário de violência brasileira é retratado, mas pondo a classe dominante como a responsável por esse problema, por criar um cenário de desigualdade. Taddeo diz que se trata de um livro de militância solitária, pois precisa denunciar as tragédias sociais, que são consequências de cinco séculos de escravidão. Isso, salienta o músico, faz com que a maior parte da população negra no Brasil sofra com mortes e racismo. O *rapper* afirma que a maioria da população periférica é negra e, por isso, as pessoas negras são as maiores vítimas da violência policial. Para o autor, a busca pela paz depende do relato das mortes corriqueiras que ocorrem nas periferias.

Eu sempre faço uma reflexão sobre a questão do choque. Eu acho que aquilo que eu falo é tão comum para quem vive na periferia, que até me surpreendo, quando uma pessoa ou outra da periferia vem dizendo “pô, isso é meio violento e tal”, mas 90% das pessoas da periferia vivem aquilo que eu tô cantando. Então, a identificação é rápida e acaba não tendo nem esse choque. Normalmente, o

impacto maior, é até engraçado, porque é daquele cara que não é da periferia, mas é aquele cara que atua para que aquela situação de violência ocorra (TADDEO, entrevista, 08 de dezembro de 2017).

O *rapper* diz que o seu maior lamento é quando as próprias pessoas que sofrem com os problemas por ele relatados também o classificam como mero sensacionalista. Para o *rapper*, o processo de alienação é tão forte que os burgueses são tidos como pessoas honestas, apesar de terem o pleno controle da propriedade privada e dos meios de produção, sendo os responsáveis pelo sofrimento da maior parte do povo. Ele afirma ainda que a única saída para melhorias é a luta de classes, pois o sistema capitalista neoliberal de hoje mantém as periferias sofrendo com problemas sociais e econômicos.

Todas as mentes sensatas reconhecem, que a base da violência mundial está fincada na luta de classes, exatamente como descreveu Karl Marx e Friedrich Engels em um dos tratados mais influentes do mundo, o revolucionário Manifesto do Partido Comunista. Concordo plenamente com essa dupla, quando enfaticamente declaram, que a história de toda a sociedade existente até hoje, tem sido a história da luta entre o homem livre e o escravo, entre o patrício e o plebeu, entre o senhor e o servo. Dentro do tipo de convívio articulado pelos anticristos, a única ligação restante entre os humanos apontada pelos pais do socialismo científico e endossada por mim: é o laço frio do interesse (TADDEO, 2012, p.40).

Eduardo ressalta que a continuidade da hegemonia política envolve uma estratégia de não cumprir a legislação em vigor: “Os nossos legisladores são peritos na arte de escrever e publicar textos que não serão cumpridos. São peritos na arte de escrever e publicar textos que servirão apenas para encher linguiça!” (TADDEO, 2012, p.42). Para isso, justifica que, na teoria, a legislação brasileira é imparcial e moderna, mas, na prática, há benefícios para quem está no poder, sendo sempre inocentados pelos seus atos. No livro, o *rapper*-escritor afirma que a mídia é um espaço utilizado para o monopólio ideológico, pois os veículos de comunicação afirmam não haver guerra no Brasil. Para Eduardo, as estratégias de poder utilizadas no Brasil são feitas por pessoas tão insensíveis como os líderes de guerra contra grupos inocentes.

As críticas à mídia também ocorrem no seu álbum *A fantástica fábrica de cadáver*, lançado em 2016. Na música de título homônimo ao álbum, Eduardo afirma que quando ocorre uma manifestação social há uma ênfase na mídia sobre o quanto isso atrapalha o trânsito e prejudica o cotidiano das pessoas. O artista diz que isso faz parte da estratégia de colocar a população contra os militantes que lutam pelo fim do genocídio dos periféricos: “O sistema quer você no ônibus irritado, com a marcha contra o genocídio, que deixa o trânsito engarrafado/ Porque, assim, gringo não vê que o país da moda, é líder

em mortes por arma de fogo, deficiência dolosa” (EDUARDO TADDEO, 2016, faixa 2). Sendo assim, Taddeo entende que se cria uma estigmatização contra os ativistas, mantém-se o sistema econômico favorável à elite, bem como, na opinião do *rapper*, há uma estratégia para não divulgar a existência de problemas para as pessoas fora do Brasil.

CONCLUSÕES

Os discursos de Eduardo Taddeo denotam que a forma de buscar soluções para os problemas sociais no *rap* de intervenção social é expondo de forma direta o cenário de pobreza e violência urbana, a fim de construir uma conscientização coletiva. Ao contrário do discurso “bandido bom é bandido morto”, Taddeo pontua que a alta criminalidade é consequência da exclusão social e não simplesmente uma culpa do cidadão pobre que resolve roubar, para ter mais direitos sociais, através do consumo. Nesse cenário, a mídia costumeiramente narra a violência de uma forma distante, buscando trazer uma impressão de neutralidade, se abstendo inclusive de reivindicar ações que criem a justiça social.

Como forma de solucionar à violência, os agentes da mídia clamam, recorrentemente, apenas pelo aumento da participação policial, que age costumeiramente por meio de uma violência injustificada. Ademais, o caso da visibilidade dada ao Promotor de Justiça também comprova que a mídia age como um reforço de hierarquias, privilegiando aqueles que estão em posições de poder. Assim, as versões que narram a violência a partir do ponto de vista dos “de baixo”, como é o caso do Facção Central, são excluídas ou ironizadas nesse cenário midiático. Apesar de mostrar as causas de se haver várias pessoas na criminalidade, Eduardo Taddeo não incentiva qualquer cidadão a cometer delitos. Ao contrário disso, mostra que a consequência é a morte prematura. Ele ainda expõe em letras de música, palestras e livros outras soluções para o cidadão pobre agir dentro da luta de classes e construir uma mudança social. O *rapper*, que é um dos nomes mais respeitados do movimento *hip-hop* no Brasil, fala da necessidade de “roubar diplomas”. Isso é, trata-se de uma concepção de que o acesso a educação ainda é de uma elite branca, mas que o morador de favela deve buscar tomar esses espaços, para discutir as pautas do povo periférico. O caso da aprovação de Eduardo Taddeo, no exame da Ordem dos Advogados do Brasil, foi um desses exemplos de ascensão pela educação.

Taddeo ainda observou que quanto mais atinge espaços historicamente negados, como escrever livros e ser advogado, há mais possibilidades de falar na sociedade em locais criados para reforçar os privilégios da classe hegemônica. Porém, as letras do grupo

mostram importantes reflexões e denúncias, criadas antes mesmo de qualquer acesso a esses espaços, denotando assim que o *rap* é um espaço de formação cidadã e de divulgação das pautas povo periférico, que deve ser entendido como ferramenta alternativa ou complementar a educação formal, para se buscar por justiça social.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, C. **O eterno verão do reggae**. São Paulo: Editora 34, 1997.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**: seguido de a influência do jornalismo e os jogos olímpicos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- COURTINE, J. J. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EdUFSCar, 2014.
- OLIVEIRA, R. C. História, música e ensino ao ritmo dos excluídos: Músicas engajadas e problemáticas sociais na contemporaneidade. **Revista cadernos história**, volume 15, número 1, 137-147, 2007.
- PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In GADET, F; HAK, T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso**. 5 ed. Campinas: Editora Unicamp, 2014, Cap. 3, p. 59-158.
- SANTOS, L. L. Consumo, hierarquias sociais e colonialidade econômica: na contramão de uma banalização da consciência. **Revista espaço ética**: Educação, gestão e consumo, ano II, número 06, Setembro/Dezembro, 1-28, 2015.
- SILVA, J. C. G. Rap, a trilha sonora do gueto: um discurso musical no combate ao racismo, violências e violações aos direitos humanos na periferia. **Colóquio internacional culturas jovens Afro-Brasil Américas**: Encontros e desencontros, São Paulo, Brasil, 1-17, 2012.
- SODRÉ, M. **Claros e escuros**: Identidade, povo e mídia no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1999.
- SOLEDADE, A. C. Recepção e conflito: O videoclipe —Isso aqui é uma guerral do Facção Central e a diversidade de classificações. **Anais III encontro internacional de história, memória, oralidade e culturas**. Fortaleza: UECE, 2016.
- _____. Entre o ethos criminoso e o professoral: A tentativa de censura do videoclipe —Isso aqui é uma guerral do grupo Facção Central. In Muniz, A. C. & Leal, T. B. (Org.). **Arquivos, documentos e ensino de história**: Desafios contemporâneos. 1ª edição. Fortaleza: EdUECE, 205-236, 2019.
- TADDEO, E. **A guerra não declarada na visão de um favelado**. São Paulo: Saraiva, 2012.
- _____. **A guerra não declarada na visão de um favelado 2**. São Paulo: Saraiva, 2016.
- VIZEU, A. Decidindo o que é notícia: 20 anos depois. **Revista Observatório**, Palmas, v. 4, n. 4, p. 284-307, jul-set. 2018.